
NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

IGLESIAS, Manuel Eduardo: *Subindo para Jerusalém... Subsídios para um retiro*. Ed. Loyola, São Paulo 1985. 104 pp., 20,8 x 14cm.

"Subindo para Jerusalém" é um livro de oração que ajuda a encontrar a vontade de Deus na vida de cada dia, como Jesus Cristo subiu a Jerusalém cumprindo a vontade do Pai. O título lembra também os vários anos de caminhada e de discernimento de Santo Inácio que queria ir para Jerusalém num processo de procura do querer divino. Depois de vinte anos, na visão da "Storta", entendeu que Roma seria a sua Jerusalém.

O Pe. Iglésias nos apresenta uma experiência inaciana de oração. Esta nasceu no recolhimento pessoal e no acompanhamento dos grupos mais variados: jovens e adultos, leigos e religiosos. O escritor fez a experiência que o retiro inaciano se dirige também a leigos e especialmente às pessoas mais simples. Chega a exclamar: "a minha surpresa está sendo verificar que são justamente os pobres, pequenos e humildes os que vivem, quase sempre espontaneamente, esta espiritualidade" (p. 8).

Como os Exercícios de Santo Inácio, essas páginas não devem ser lidas, mas rezadas: A dinâmica é toda inaciana. O autor convida a acompanhar duas realidades, confrontando dois livros: a Bíblia e o livro da vida. A contemplação da vida de Cristo diz respeito à vivência de cada um.

Cada tema de oração é ricamente apresentado. Pe. Iglésias sugere um episódio da vida de Cristo, traz um fato da vida que vai na mesma linha e deixa uma sugestão de textos bíblicos para alimentar uma semana de oração. Como bom diretor distribui conselhos sobre a oração e o discernimento conforme os momentos da experiência. A presença dos desenhos não é somente enfeite, mas antes símbolo que resume o tema e ajuda a imaginação a fixar-se na oração. Finalmente o fio de ouro da opção preferencial pelos pobres, da luta pela justiça que nasce da fé, atravessa harmoniosamente a experiência interna.

Todos poderão usar com proveito este subsídio para retiro: sacerdotes, religiosos(as) e leigos. O livro, porém, se dirige a pessoas simples de "periferia" e de "roça" (p. 10). A oração não é questão de lugares privilegiados ou de classes abastadas. As coisas de Deus vão na contra-mão da nossa maneira habitual de pensar. O autor termina a introdução escrevendo: "a escola da fé não passa hoje pela Europa ou pelos grandes centros culturais e sim pelas Comunidades Eclesiais de Base do Terceiro Mundo. Sinal dos tempos. E motivo de gratidão" (p. 9). Quem quiser procurar, discernir e encontrar a vontade de Deus, quem quiser engajar-se no serviço dos irmãos dentro da missão da Igreja de hoje, reze ajudando-se de "Subindo para Jerusalém".

Bernard Morissette S.J.

CÁRDENAS PALLARES, José: *El poder de Jesús el carpintero*. Ed. CUPSA, México 1983. 141 pp., 20,1 x 13,5cm.

Os escritos de Cárdenas nascem do exercício de suas atividades apostólicas como vigário na Igreja de Colima e de Manzanillo e como capelão da Penitenciária Estadual de Colima. São os desafios e questionamentos surgidos do contato pastoral que dão forma e conteúdo não apenas à sua atividade de escritor, mas também à de professor que coloca entre suas preocupações os grandes e gritantes problemas que afligem hoje o homem empobrecido da América Latina.

Ao buscar a relevância teológica da pessoa e da vida de Jesus para a vida do homem na AL, o A. reflete sobre o tema do poder de Jesus segundo a perspectiva evangélica, sobretudo a que se apresenta nos relatos de Marcos onde encontramos inúmeros episódios que veiculam a questão do poder que se manifesta nas palavras e ações de Jesus (Mc 3, 1-12; 4, 35-41; 5, 1-45; 6, 2-14; 30-56; 7, 24-32; etc.).

Do ponto de vista da Sociologia, o poder se caracteriza pelo conjunto de forças sociais (políticas, econômicas, culturais) que regem a estruturação e organização de uma determinada sociedade, possibilitando o seu funcionamento em torno de alguns valores que são aceitos, desenvolvidos e difundidos por seus representantes. Neste sentido, o poder constitui um dos instrumentos importantes para a sociedade, pois, além de determinar substancialmente as relações dos homens entre si, pode assumir várias modalidades e diferentes manifestações conforme os objetivos que se pretendem atingir com a sua utilização e domínio.

Quando Cárdenas se propôs, nesta obra, a estudar o Evangelho de Marcos tendo presente a realidade latino-americana, o fez com a finalidade de nos ajudar a melhor conhecer Jesus Cristo, re-encontrando-o nos acontecimentos que envolvem milhões de seres humanos submetidos ao desespero e à angústia e que anseiam por uma saída libertadora.

Na AL o poder é utilizado como arma de legitimação e de imposição de interesses que, na maioria das vezes, são alheios às necessidades vitais do povo. No confronto com "O poder de Jesus o carpinteiro", o A. faz ver que o poder, quando não está colocado a serviço do bem comum, corrompe e destrói a dignidade humana. A perspectiva assumida por Jesus em relação ao poder é aquela que nos é apresentada no Ev. de Marcos. O poder (*exousia*) que dá autoridade às ações de Jesus e que impressionava as multidões pela originalidade de seu ensinamento (Mc 4, 41; 11, 18 b), está unicamente a serviço da libertação do homem e da afirmação de sua dignidade (Mc 1, 21-28; 3, 1-6). Portanto, o poder de Deus que se manifesta na pessoa de Jesus torna-se incompatível com toda uma estrutura social erguida pelo poderio dos que detêm o controle das atividades em função de uma minoria privilegiada, colocando à margem do caminho milhares de pessoas. Os valores difundidos por Jesus estavam em contradição direta com os "valores" de uma sociedade opressora que mantinha a maioria dos homens, os pobres, à margem da vida (Mc 1, 40-45; 2, 15-17). A narração da purificação do templo (Mc 11, 15-18) mostra a ruptura de Jesus com um tipo de religião que se sustenta a partir da aliança entre o altar e o dinheiro (p. 110-116). A ação de Jesus no templo anuncia o começo de uma

nova comunidade de oração, onde não se admite nenhuma espécie de exclusivismo.

Eis aí, portanto, uma contribuição modesta, porém bastante conseqüente, para a leitura do Ev. de Marcos a partir do que estamos vivendo na AL. Vale a pena.

José de Anchieta Lima Costa S.J.

GIRARDET, Giorgio: *A los cautivos libertad. La misión de Jesús según San Lucas* (Col. "Jesús de Nazaret") Trad. do italiano por Diana Vignolo. Ed. La Aurora, Buenos Aires 1982. 190 pp., 19,3 x 13cm.

É tarefa da teologia, mais especificamente da Cristologia, estruturar a nível de reflexão sistemática a compreensão da história de Jesus desde a experiência de fé da comunidade eclesial com a finalidade de provocar uma resposta no homem que se interroga pela compreensão de si mesmo, de sua vida e de seu destino.

A "Memória de Jesus" presente nos relatos evangélicos, traz à tona certas imagens da pessoa de Jesus que aos poucos foram se plasmando a partir dos problemas e dos desafios que a comunidade eclesial vinha enfrentando no seu agir histórico. Esta "Memória de Jesus", que ainda hoje preservamos e que constitui o critério absoluto da ação cristã no mundo, não é, em hipótese alguma, a simples volta ao passado com a finalidade de se encontrar dados ou de se descobrir novos elementos que possibilitem a reconstituição e compreensão de uma etapa ou de um momento importante da Antiguidade — isto seria fazer Arqueologia. A "Memória de Jesus" é uma "memória ativa" pela qual *re-fazemos* a experiência dos primeiros seguidores de Jesus no confronto com a sua história, procurando descobrir *quem Ele é e que sentido* representa para nós hoje. Portanto, a leitura que fazemos do Evangelho nos leva a *re-conhecer* na história de Jesus a nossa própria história envolvida por contradições e conflitos humanos que devem buscar superação no compromisso pela instauração do Reino, tal como fez Jesus.

Afastado o perigo de projetar a própria subjetividade, manipulando a figura histórica de Jesus segundo interesses e opiniões individuais ou de grupos, conseguimos nos aproximar do que há de mais original e surpreendente no Jesus dos Evangelhos. Neste sentido, a obra de Girardet constitui-se num desafio a reconhecer na pessoa de Jesus o alcance inconfundível do político de sua mensagem e de sua vida direcionadas para a libertação dos oprimidos de seu tempo. Tal intento é conseguido pelo uso que o autor faz das categorias histórico-sociais com as quais re-lê o Evangelho de Lucas. Através desta proposta de leitura do Ev. de Lucas, o autor pretende "recuperar a figura de Jesus para o movimento operário", como também consegue recuperá-la para qualquer pessoa ou organização que se solidariza e se identifica com a luta dos oprimidos.

O aspecto fragmentário da obra que se manifesta na seleção de alguns episódios que mais se relacionam com a nossa realidade histórica "prenhe" de libertação, pode dispensar o autor de empreender a tarefa, cujo objetivo seria a elaboração de

mais um comentário exaustivo ao Ev. de Lucas. Contudo, fazendo a opção seletiva dos textos, o autor abre uma lacuna em sua obra, sobretudo no que diz respeito à compreensão da teologia específica de Lucas com sua problemática e hermenêutica próprias sobre a história de Jesus, preferindo remeter o leitor a uma bibliografia mais especializada que lhe permita aprofundar melhor os aspectos importantes da obra literária lucana (p. 18-19).

É uma leitura diferente, nova e exigente. Ela perpassa, globalmente, todas as etapas da vida de Jesus: desde o seu nascimento até a sua morte e ressurreição. E aqui, a meu ver, se encontra a originalidade do autor: através da leitura de Lucas percorremos o caminho de Jesus e, com Ele, tomamos consciência da seriedade dos nossos compromissos sociais que devem ajudar na libertação dos cativos, cujo clamor não nos pode deixar indiferentes.

José de Anchieta Lima Costa S.J.

VANNI, Hugo: *Apocalipse. Uma assembléu litúrgica interpreta a história.* (Col. "Pequeno Comentário Bíblico - NT"). Trad. do italiano por Pier L. Cabra. Revisão por José Joaquim Sobral e Honório Dalbosco. Ed. Paulinas, São Paulo 1984. 214 pp., 20 x 12cm.

H. Vanni é especialista renomado no Apocalipse. Sobre ele fez sua tese doutoral, apresentada em 1970, no Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Lá ele estudara com rigor e flexibilidade a estrutura literária do Apocalipse. Esse livro, que ora apresentamos, tem pretensões menos ambiciosas. Numa sucinta introdução, caracteriza o livro, indicando-lhe o gênero literário, a estrutura, a linguagem e o estilo, e finalmente o autor. Mostra em seguida, como o autor aborda quatro temas teológicos centrais: Deus, Jesus Cristo, os anjos e a Igreja. Ao detalhar mais especificamente a temática teológica, salienta a importância da escatologia, da teologia da história e dentro da história da salvação como a Igreja reconhece a sua hora.

Sendo o Apocalipse um livro, à primeira vista hermético, o autor oferece critérios hermenêuticos para abordá-lo, tais como: o aspecto literário, a simbologia, e sua relação temática e literária com os outros livros do Novo Testamento, sem falar da presença do Antigo Testamento, em abundância. Mas a originalidade do autor consiste em situar o livro no contexto de uma obra destinada à leitura litúrgica. "É a assembléia eclesial, adequadamente preparada e exercitada, que opera de maneira intuitiva e existencial a síntese máxima possível entre a forma da inteligibilidade e a matéria concreta" (p. 32).

O segundo capítulo do livro é extremamente interessante, apesar de sua concisão. O autor percorre todo o livro do Apocalipse, estruturando-o tematicamente e indicando os capítulos e versículos que correspondem aos temas indicados. O leitor no final tem uma boa visão geral do livro, de maneira mais sistemática. É verdadeira releitura cursiva do livro. Na terceira parte escolhe algumas passagens mais significativas do livro, e detém-se em sua interpretação. Pervade a linha hermenêutica do au-

tor, a idéia central de que se trata de um livro a ser lido no contexto eclesial da liturgia. E procura, por isso, chamar atenção para os aspectos litúrgicos do livro.

H. Vanni torna bem acessível a leitura de um livro considerado dos mais difíceis da Bíblia, rompendo o mito de seu hermetismo.

J. B. L.

MOLLAT, Donatien: *La Palabra y el Espíritu. Exégesis espiritual.* (Col. "Bíblia y Catequesis" 5). Trad. do francês por J. Sans Vila e Maria Teresa San Martín. Ed. Sígueme, Salamanca 1984. 231 pp., 20,5 x 12,5cm.

Não deixa de surpreender encontrar este livro dentro da coleção que leva por título "Bíblia e Catequese". Isto porque, infelizmente, às vezes pensamos que a catequese só pode aspirar a conhecimentos e experiências rudimentares. O livro do Mollat reúne duas preciosas qualidades: é simples e profundo. O A., recentemente falecido, é um conhecido exegeta, especialista em São João. A sabedoria que impregna seu livro está colocada de maneira acessível a serviço de uma catequese inspiradora. É um alimento sólido para aprofundar a vida cristã. Os quatro grandes temas do livro são o Espírito, a Palavra, a Vida e a Glória. *O Espírito:* I. Cristo, fonte do Espírito. II. A experiência do Espírito Santo segundo o NT. III. O Espírito Santo, mestre da oração cristã. IV. Dons, carismas e frutos do Espírito. V. 13 reflexões sobre o Espírito Santo. *A Palavra:* VI. P. de Deus e sabedoria humana. VII. P. de Deus, força de salvação. VIII. A oração segundo o NT. *A Vida:* IX. Meditação sobre a vida. X. Os sinais dos tempos na Bíblia. XI. O ano litúrgico, marco da nossa vida. XII. A celebração eucarística. *A Glória:* XIII. Vimos a sua glória. XIV. O povo de Deus escatológico e a Jerusalém celeste. XV. O Apocalipse, livro da esperança.

M.E.I.

BRAKEMEIER, Gottfried: *Reino de Deus e esperança apocalíptica.* (Col. "Estudos Bíblicos - NT" 8). Editora Sinodal, São Leopoldo (RS) 1984. 152 pp., 21 x 15cm.

O livro publicado pela Editora dos nossos irmãos luteranos de São Leopoldo agrupa três trabalhos distintos, mas que têm entre si certo nexos. O primeiro aborda o clássico problema da demora da parusia, isto é, da segunda vinda gloriosa de Jesus; o segundo trata da mensagem do Apocalipse de João; e o terceiro completa a reflexão com a descrição do mundo da atuação de Jesus e da expansão da primeira comunidade.

A primeira parte quer responder à pergunta: Onde, como e quando virá o Reino de Deus (RdD)? Tal questão se faz tanto mais aguda quanto mais vivemos numa situação de tanta miséria. Num primeiro momento, o autor faz um elenco dos

diversos posicionamento da Teologia em relação à compreensão do Reino de Deus. Trabalha autores como H. Lindsey, A. Schweitzer, C. H. Dodd — americano e europeus — e particularmente dá atenção aos teólogos latino-americanos J. Pixley, M. Bonino, L. Boff e E. Gestenberger. Em todas essas posições, o autor salienta sua contribuição positiva, mas também seus pontos vulneráveis e insatisfatórios, para tentar depois elaborar uma compreensão de Reino de Deus mais compreensiva, a partir de uma investigação detalhada do dado bíblico. Antes, porém, descarta as objeções que existem, quer para entender a transcendência do Reino de Deus, quer sua imanência.

A investigação bíblica começa com a intelecção de realza de Deus no AT, na linha da teocracia e na linha escatológica. Depois detém-se no judaísmo contemporâneo ao NT. Mas a pesquisa se espraia no detalhamento da compreensão de RdD em Jesus Cristo. Realidade que vem, que não se identifica com a restauração nacional de Israel, que apesar de usar elementos apocalípticos não se identifica com a visão apocalíptica, que está próximo, que aparece em forma frágil, que exige compromisso, que apesar das semelhanças com a pregação de João Batista tem a marca original de Jesus, que transforma a comunidade dos que crêem em Jesus em relação à própria pessoa de Jesus. E de todas essas características o autor conclui o caráter cristológico do RdD e sua relação com a ação do Espírito Santo.

A segunda parte é um estudo do livro do Apocalipse. Livro paradoxal. Envolvido de suspeitas (R. Bultmann) de um lado e fascinante de outro (basta ver a imensa bibliografia recente). Adquire relevância especial em tempos difíceis de perseguição, guerra, epidemias, fome e catástrofes da natureza. O autor apresenta rápido resumo do livro com algumas considerações sobre cada bloco. Tudo bem resumido. Faz depois uma sistematização das diferentes interpretações: especulativa, biblista-literalista, preterista e futurista simultaneamente, histórico-científica, histórico-conceitual, histórico-existencial, histórico-querigmática, histórico-contextual e histórico-política. Como se vê, as linhas interpretativas variam enormemente e o autor tenta organizá-las a partir de certas chaves escolhidas por ele. Naturalmente é discutível tal sistematização — como qualquer sistematização —, pois todas refletem um sistema de escolha. Mas mesmo assim, ajuda o leitor a situar-se nesse “mare magnum” de interpretações. Apresenta três critérios fundamentais de interpretação que devem estar presentes em toda interpretação: critério do gênero literário, do endereço histórico e do caráter canônico. Finalmente resume as principais mensagens teológicas do livro: Deus e a história, a comunidade sob a cruz, a esperança.

A terceira parte do livro estuda a situação política, social e religiosa do tempo de Jesus e da expansão da primeira comunidade. Dedicar boas páginas ao judaísmo da diáspora e ao mundo pagão no tempo de Jesus. E no final de tudo, uma bibliografia escolhida sobre as três partes do livro coroa o trabalho do autor.

Livro didático, com bom material, visto dentro da ocular de um conhecedor da boa teologia bíblica e exegética, sobretudo protestante alemã, e também tem bom contacto com a teologia latino-americana, sobretudo através dos escritos de L. Boff e J. Sobrino do lado católico, e de J. Pixley e M. Bonino do lado evangélico.

DE MELLO, Anthony: *Às fontes da vida. Exercícios práticos de oração.* Trad. do inglês por Héber S. de Lima. Ed. Loyola, São Paulo 1985. 215 pp., 20,8 x 14cm.

Mais um livro do jesuíta indiano A. de Mello que faz sucesso em várias línguas. O subtítulo do livro explica a razão deste sucesso: exercícios práticos de oração. Há muita sabedoria dentro dos exercícios propostos, e toda uma pedagogia de escuta e de abertura que ajuda a rezar não apenas a principiantes. "O livro pretende guiar o leitor da região mental para o sensível, do pensamento para a fantasia e o sentimento e, finalmente — assim o esperamos — através do sentimento, da fantasia e dos sentidos, pretendemos levá-lo ao silêncio". O A. ajuda a rezar de maneira que a pessoa "toda" entre em contato com Deus. Para muitos ocidentais, habituados a um tipo de oração mais "racional" resulta enriquecedor o fato de integrar no nosso eu-orante todo o variado mundo dos sentimentos, a fantasia, a memória, os sentidos e o corpo. Acho que o livro pode ser extremamente útil para jovens leigos, seminaristas e religiosos.

M. E. I.

INSTITUTO HISTÓRICO CENTRO-AMERICANO DE MANÁGUA: *Sangue pelo povo. Martirologio latino-americano.* Trad. do espanhol por Edyla Manguera Unger e Orlando dos Reis. Ed. Vozes, Petrópolis 1984. 215 pp., 21,1 x 13,8cm.

A tradução e publicação deste martirologio latino-americano é uma bela e louvável iniciativa da Ed. Vozes. Uma versão resumida e simplificada já era conhecida entre nós graças à revista *Sem Fronteiras* (1981). Originariamente este martirologio foi compilado pela revista espanhola *Vida Nueva* (em 1980). O Instituto Histórico Centro-Americano de Manágua retomou-o e ampliou-o.

O martirologio apresenta para cada pessoa ou evento comemorado em seu calendário cerca de meia página de esclarecimentos. Cada mês do calendário termina com um texto (poemas, cartas, reflexões dos mártires ou em memória deles). Uma outra série de textos desse gênero são recolhidos no Apêndice I (187-208). O Apêndice II (211-215) traz a lista dos nomes por país (o Brasil é representado por doze pessoas). Na escolha das pessoas recordadas no martirologio foram contemplados não só mártires atuais, mas também figuras do passado, cujo testemunho de vida cristã merece ser conservado como herança preciosa. Além de pessoas, também efemérides são marcadas, como as datas das Conferências Episcopais de Medellín e Puebla, do nascimento da CLAR e do CELAM, da publicação das Encíclicas "Pacem in Terris" e "Populorum Progressio" etc. Também alguns dias comemorativos são recordados. Mas numa tradução inadequada esses "dias" são designados "jornadas" (certamente uma espanholismo dispensável). Entre os dias comemorativos está o das Raças Indígenas a 19.7, segundo provavelmente o uso de outros países latino-

americanos, e não a 19.4, como é costume no Brasil. Também as principais festas litúrgicas do Senhor são mencionadas e mais alguns eventos significativos da vida de Jesus: a pregação na Sinagoga de Nazaré (Lc 4) a 10.2, a proclamação das Bem-Aventuranças a 9.3, a expulsão dos vendilhões a 9.4. Esta última data se explica pela data marcada para a última ceia, paixão e ressurreição (13-16.4), mas para a determinação das duas anteriores não parece haver explicação plausível. No início de cada mês há uma lista de comemorações, às vezes mais ampla que os tópicos depois explicitados. Para as próximas edições se poderia sugerir que fossem recordadas as festas marianas dedicadas às invocações nacionais de Nossa Senhora (p. ex.: Aparecida, Luján, Copacabana...). Atualmente só é mencionada Guadalupe.

Este martirologio é um livro que não deveria faltar em nenhuma comunidade religiosa e mesmo à cabeceira de todo agente de pastoral engajado nas lutas do povo, para que os exemplos heróicos de quatro séculos de história cristã encorajem a luta presente em solidariedade com os pobres.

F. T.

PAOLI, Arturo: *Em busca de liberdade. Castidade, Obediência, Pobreza.* Trad. do italiano por Mauricio Ruffier. Ed. Loyola, São Paulo 1983. 117 pp., 20,8 x 13,8cm.

O autor escreve sobre a vida religiosa, tratando especificamente dos votos de castidade, obediência e pobreza. De fato, os votos constituem a condição fundamental da vida religiosa. E, por esta doação de vida, que são os votos, o(a) religioso(a) participa da história da humanidade. A comunhão com a humanidade faz nascer o interesse que os religiosos têm de testemunhar o Reino, na convergência dos sentimentos de responsabilidade por este Reino; a independência desta doação nasce da resposta original que cada qual, ou por si ou em grupo, dá ao "Vem e segue-me" do evangelho.

Um olhar complexo ao modo como é vivida hoje a vida religiosa nos levaria à conclusão de que esta, como vida profética, é quase inexistente. O autor o afirma a partir de suas experiências próprias e de outras pessoas, diante dos questionamentos que hoje são apresentados.

Na Igreja desses últimos anos, não faltou a contestação, que segue sempre a linha profética. Segundo o autor, na sociedade eclesial, a aura profética atinge até a linha ministerial. E quando a vida religiosa não contesta, não interpela a linha ministerial das comunidades cristãs e os valores das sociedades políticas, o sentido da vida religiosa se esvazia completamente. "Talvez os religiosos e religiosas prestassem um melhor serviço à história tomando sol nas praias ou jogando canastra do que levando uma vida formalmente ativíssima, mas historicamente estéril" (98).

Buscando situar a Igreja no contexto da história, o autor não fixa sua visão da vida religiosa numa única forma de ser. A harmonia existente entre as diversas modalidades de Vida Religiosa é a prova da atividade criadora e dinâmica do Espíri-

to presente na Igreja. "O realismo de muitos religiosos e religiosas, a sua capacidade de organizar e construir, a sua adesão sadia à vida, convence-me a abandonar uma visão unívoca" (100) da vida religiosa.

Quanto aos votos propriamente ditos: castidade, obediência e pobreza, o autor re-descobre-os como algo sempre novo, que aponta para o Reino de Deus. Os votos se compreendem como libertação, — e este é seu horizonte mais verdadeiro, — e nós os vivemos cada vez que nos abrimos a este horizonte. Fora da perspectiva do Reino, os votos são uma tortura inútil. "O caminho da libertação consiste em empenhar-nos por sermos o 'próximo', o irmão, em cada um dos encontros estimulantes que se sucedem no nosso caminho" (24). Na busca progressiva de ser livres como sinal profético diante daquilo que o mundo nos oferece, é que progredimos ao encontro da pessoa de Cristo.

A meu ver o autor com este trabalho nos apresenta o conteúdo da vida religiosa. Ao ler este livro não devemos procurar normas concretas sobre o comportamento do religioso, o que seria até contraditório com o título. O autor estabelece com sinceridade e clareza a existência de uma opção fundamental na vida religiosa, para que o homem e a mulher a vivam sem medo, como uma realidade benéfica e positiva, necessária para encontrar a plena libertação.

João Oliveira Souza S.J.

ALVES, Rubem: *La Teología como juego*. Ed. La Aurora, Buenos Aires (Argentina) 1982. 143 pp., 19,5 x 13cm.

Apesar de não estar indicado no livro nenhum tradutor nem referência a algum livro saído em outra língua, trata-se de uma versão castelhana do livro *Variaciones sobre a Vida e a Morte*, que o autor publicou pelas Edições Paulinas em 1982 em português. A edição brasileira contém um último capítulo a mais: Os desejos, os sonhos, as utopias, o Reino, além duma breve bibliografia. Na edição brasileira a introdução é feita pelo próprio autor, enquanto que na edição argentina temos um prólogo feito pelos editores e uma apresentação feita pelo Reitor do ISEDET, Lee Brummel.

R. Alves é bem conhecido não só no mundo dos evangélicos, mas também no meio católico. Além de sua tese doutoral, sobre a Teologia da Esperança Humana, publicada em inglês e espanhol, tem publicado inúmeros livros que o projetaram no cenário teológico nacional e estrangeiro. Ultimamente R. Alves tem adotado um estilo extremamente poético, de maneira que suas considerações teológicas deixaram totalmente qualquer ranço escolar para flutuar na leveza da magia das palavras. Lêem-se seus livros com imenso prazer estético. "La Teología como juego" insere-se precisamente nesse tipo de literatura, em que o estilo acadêmico e austero dos livros teológicos cede lugar ao malabarismo literário. Às vezes, pode-se até julgar que se chega a um preciosismo literário com detrimento do conteúdo. Mas certamente re-

dime a Teologia dos estilos pesados da maioria dos escritores desse ramo. Pertence, pois, a esse estilo teológico o uso abundante de literatos modernos, de passagens de filósofos que provocam o leitor.

O autor revela enorme cultura nos diferentes ramos. E trabalha material bem diversificado no livro. Além desse aspecto mais estritamente cultural, R. Alves introduz muito o cotidiano em suas reflexões. Num capítulo, p.ex., começa recordando-se de um engraxate que lhe dirige a palavra dizendo: "Lá vem um freguês". Nunca o vira antes, mas sabia que era freguês, porque olhara para seu sapato. "É assim, os olhos e os pensamentos dos engraxates andam pelos caminhos que seu trabalho lhes abre. O pensamento é a extensão do corpo". Assim de fato tão banal, arranca esta bela reflexão de que o pensamento é a extensão do corpo.

O livro resiste a uma sistematização, de tal forma que é difícil de dizer ao leitor sobre que se trata. Ele é uma enciclopédia de sugestões, alusões, insinuações, provocações à reflexão, aforismas, experiências diárias, sutis ironias, etc... Vejam essas linhas:

"Quem é o teólogo? Poucos me parecem dançarinos. Raramente os vejo com papagaios e linha à mão. E não me recordo de jamais haver ouvido as estórias que as crianças lhes contaram ou as estórias que eles contaram para as crianças... Vejam os seus textos. O estilo, as palavras difíceis, o número de páginas, as notas de rodapé, os pressupostos exigidos do leitor — tudo isto revela as regras do seu jogo, tudo isto indica quem são os membros da confraria em que ele se sente em casa. Testemunhos do lugar do seu corpo, entre aqueles que conseguiram galgar os difíceis degraus da vida acadêmica, longe das entranhas daqueles que foram sacrificados..." (pp. 83/84). Esta seria uma anti-definição do teólogo que R. Alves está procurando ser. Está criando uma escola de Teologia que sai da seriedade acadêmica, para assumir os caminhos do homem cotidiano e falar-lhe desse cotidiano teologicamente. Cotidiano feito de arroz com feijão, mas também alegrado alguns momentos com o vinho da poesia e da beleza.

É gostoso, é provocante, é sugestivo este trabalho. Se não conseguimos sair no final da leitura com uma prateleira de idéias bem arrumada, certamente sairemos com ela bem sortida.

J. B. L.

STACCONE, Giuseppe: *Teologia para o homem crítico*. Ed. Vozes, Petrópolis 1984. 100 pp., 21 x 13,6cm.

A primeira parte do livro começa explanando o tema Deus em relação com o homem moderno. Expõe alguns conceitos sobre Deus. Analisa as religiões e a sua classificação, afirmando que a religião não provém de Deus, mas é uma atividade do homem que quer relacionar-se com Deus. Ela tem uma função social e política. Relata a história dos hebreus e a formação da Bíblia. A Bíblia é a palavra de Deus que se revela para a salvação do homem. Tal palavra se revelou a Abraão que pela fé pro-

courou agir de maneira a agradar a Deus. Seguindo, o livro faz referência a Jesus de Nazaré e o seu relacionamento com as estruturas políticas e econômicas da Palestina. Jesus contesta estas estruturas e apresenta uma práxis diferente que lhe causou a morte violenta, sendo esta, superada pela ressurreição. A primeira parte termina falando sobre os Evangelhos que são os relatos da prática de Jesus escritos por outros (= os evangelistas), pois Jesus nada escreveu.

A segunda parte reflete sobre sete temas de Teologia e espiritualidade da libertação tendo como base palestras de Gustavo Gutiérrez. Faz uma reflexão sobre o conceito de Teologia buscando uma Teologia que seja uma reflexão crítica da práxis e pensada a partir dos pobres. Analisa a Teologia européia que procura responder à problemática do homem moderno pertencente à burguesia, nascido do Iluminismo, racionalista e cético. Este é o seu interlocutor. Porém, o contexto histórico da Teologia da Libertação (= TdL) é a reflexão teológica a partir das "massas" humanas da América Latina. O desafio deixa de ser o não-crente e passa a ser o não-pessoa, o pobre, o explorado. Seu interlocutor é o pobre. Seu método também muda, passando do método clássico (verdades reveladas pelas autoridades) para uma reflexão sobre a prática (ação), relacionando teoria e práxis. O livro apresenta também uma reflexão sobre os termos libertação/salvação que na TdL são sinônimos e também que libertação é abrangente, devendo realizar-se em relação aos povos e ao próprio homem. Aparece também a relação que existe entre Deus e o pobre: a conversão para Deus exige também conversão para o pobre. Desenvolve ainda uma espiritualidade de libertação, culminando com uma reflexão sobre o livro de Jó que expressa a maneira de falar de Deus numa situação de pobreza e sofrimento.

O livro é simples, servindo para iniciantes em Teologia e para leigos.

D. B.

SIDER, Ronald J.: *Cristãos ricos em tempo de fome.* Trad. do inglês e adaptação por Ênio R. Mueller. Ed. Sinodal, São Leopoldo 1984. 239 pp., 21,1 x 13,7cm.

Fome e miséria assolam a terra. Quantas pessoas estão realmente passando fome no mundo de hoje? Quais são os efeitos da pobreza? Quão grande é o abismo entre os ricos e os pobres hoje?

O objetivo do livro é desenvolver um posicionamento bíblico com relação ao assunto da fome e marginalização, fruto da injustiça. O autor desenvolve o tema em três partes.

Parte I: Tabelas e relatórios mostram que a fome não consegue afetar os ricos e poderosos. Fere só os pobres e impotentes. Fome, analfabetismo, doenças, lesão cerebral — é o que significa a pobreza. "E pelo menos um bilhão de pessoas suportam diariamente o tormento que ela traz" (31). O autor dá breve visão geral da pobreza mundial e da riqueza do hemisfério norte.

Parte II: O autor se propõe a encontrar textos bíblicos que possam esclarecer o cristão sobre o pecado que leva o homem aos porões do individualismo, e apresenta alguns modelos bíblicos fundamentais de relações economicamente transformadas. Pesquisa, pois, as Escrituras, com vistas a saber o que diz a Palavra de Deus sobre riqueza e pobreza.

“Descobrimos nas Escrituras que Deus criou mecanismos e estruturas para evitar grandes desigualdades econômicas entre o seu povo” (91). Destaca o princípio do ano jubilar (Lv 25), o ano sabático (Ex 23), leis referentes aos dízimos e às colheitas (Dt 14, 26; Lv 27), a nova comunidade de Jesus (vários textos do NT), koinonia econômica (cartas de São Paulo), etc...

O que significa a revelação bíblica para os cristãos ricos de hoje? Para o autor a conclusão é realista; falta muito para a verdadeira conversão. “É simplesmente abominável que uma parte dos cristãos no mundo enriqueça cada vez mais a cada ano que passa, enquanto irmãos e irmãs do Terceiro Mundo padecem e sofrem da falta de um atendimento mínimo de saúde, de uma educação elementar e mesmo — em alguns casos — tendo somente o suficiente de comida para não morrer logo de fome” (115).

Parte III: O autor procura apontar algumas sugestões concretas para o indivíduo, a Igreja e a sociedade. Apresentando também uma relação de algumas entidades que desenvolvem trabalho social.

O autor é americano, mas com profundos conhecimentos da realidade do Terceiro e Quarto Mundos. O tradutor fez algumas adaptações à realidade latino-americana.

O autor trata de enfatizar a responsabilidade política dos cristãos, e ao mesmo tempo apresenta a fé cristã como testemunho apolítico, mas que deve julgar as instituições políticas. A fé cristã implica num compromisso social, para que aconteça Vida Nova, gerada na partilha, na fraternidade, na fé e esperança de que Deus atua e caminha com o seu povo.

João Oliveira Souza S.J.
